

Dicas e divergências

Estudos sobre câncer testam formas de prevenção e deixam mais dúvidas sobre "certezas" da medicina

O câncer do tipo colorretal (de cólon e reto) é o terceiro mais comum no Brasil e responsável por, aproximadamente, 30 mil mortes anuais. Sua incidência no mundo tem se reduzido nos últimos 15 anos por vários motivos, o principal é o diagnóstico e a remoção precoce de pólipos pré-câncer que se desenvolvem na porção terminal do intestino, região na qual o câncer de cólon surge com maior frequência.

Nesta semana, foram publicados nos Estados Unidos três artigos que podem ajudar a compreender melhor os fatores de risco e a adotar práticas preventivas contra a doença.

O Sol é um aliado, o que dá mais um motivo para aproveitar o verão. Um estudo da Universidade da Califórnia, em San Diego, feito por Cedric Garland, mostrou que 1.000 Unidades de vitamina D, tomadas diariamente, podem reduzir o risco de câncer de cólon e de reto pela metade. A vitamina D, transformada no organismo sob efeito da luz solar, auxilia na calcificação dos ossos e na adesão celular. Seu efeito faz com que as células dos intestinos fiquem mais grudadas umas nas outras, reduzindo o risco de formação de pólipos, que podem vir a se transformar em tumores.

As fibras podem não ser as aliadas tão confiáveis que se pensava. Um artigo analisou os 13 maiores estudos sobre o efeito de fibras em relação ao câncer de cólon. Exceto pelo maior desses estudos, os dados mostram que a quantidade de fibra ingerida diariamente não faz diferença alguma na prevenção desse tipo de câncer. Foram analisados, durante 20 anos, 725.628 homens e mulheres. Deles, 8 mil tiveram câncer de reto. Stephanie Smith-Warner, da Harvard Medical School, não encontrou diferenças na quantidade de fibras que o grupo que desenvolveu câncer ingeria

"A verdade é filha do tempo e não da autoridade"

FRANCIS BACON (1561-1626)



FARO FINO. Cães podem diagnosticar câncer mais precocemente que exames de laboratório

diariamente. Mas cabe lembrar que a autora do artigo não avaliou um estudo europeu, envolvendo 500 mil pessoas, que mostrou uma redução no risco de desenvolver câncer de intestino. A inclusão desse estudo poderia mostrar um fator positivo na ingestão de fibras ou até uma diferença genética nos intestinos de europeus e americanos.

Drogas para baixar os níveis de gordura não ajudam. O *Journal of the National Cancer Institute* publicou um estudo de Eric Jacobs, da Sociedade Americana de Câncer, que avaliou 132.136 homens e mulheres, comparando seus hábitos e seus riscos de desenvolver câncer. Deles, 23.000 to-

mavam estatinas – drogas que reduzem o colesterol no sangue – e não encontrou evidências de proteção oferecida por esses medicamentos contra o câncer de cólon. Outro estudo, no *Journal of the American Medical Association*,

também mostrou um efeito neutro das estatinas na prevenção da doença. Os dois artigos chegam a conclusões contrárias às expostas por uma pesquisa de 2005, publicada no *New England Journal of Medicine*, que havia mostrado uma redução de 47% no risco de câncer em quem tomava as estatinas e fez enorme alarde no meio médico. Mas, no caso desse estudo anterior, foi avaliado apenas o uso de estatinas e não de outras variáveis que poderiam influenciar nos resultados.

Variações de resultados como essas chamam a atenção, pois apresentam a medicina como uma ciência de "verdades inconstantes". Fica claro que mudanças de hábitos da população podem significar grandes alterações na incidência de tumores e de outras doenças e também que estudos feitos

com métodos diferentes podem mostrar resultados totalmente opostos.

Como prevenir é melhor que remediar, cientistas da Universidade Estadual da Flórida descobriram um curioso método de diagnosticar câncer antes mesmo de aparecerem alterações em exames de laboratório. Eles treinaram cães para cheirar o hálito de indivíduos com câncer de pulmão e de mulheres com câncer de mama e indivíduos normais. Os cães acertaram o diagnóstico com exímia sensibilidade: 99% de acerto para câncer de pulmão e 88% para câncer de mama, errando apenas com 2% dos indivíduos normais. Um estudo anterior já havia demonstrado a capacidade de cães serem treinados para "cheirar" câncer de bexiga e melanoma. ■